

Capital do país nos planos da Funarte

O poeta, compositor e diretor da Divisão de Música Popular da Funarte, Herminio Bello de Carvalho, fala, neste artigo, sobre a importância do Verão Funarte — uma programação que abre a temporada musical de Brasília desde 1979 e que este ano está sendo apresentada na Sala Funarte desde 5 até 22 de fevereiro.

Aqui, Herminio coloca ainda algumas idéias surgidas quando da criação do "Complexo Mário de Andrade", um projeto que está em fase de elaboração e que pode, se implantado, dar novo impulso à vida cultural da cidade, incluindo o Plano Piloto e as cidades-satélites.

Herminio Bello de Carvalho, Diretor da Divisão de Música Popular da Funarte: — O Verão Funarte dá continuidade a uma programação aqui iniciada em 1979, sempre mesclando artistas de Brasília com outros que nem sempre tiveram o privilégio de atuar na capital da República. É um compromisso que temos com a comunidade brasileira: o de marcar a presença da Funarte como apoiadora de ações culturais, presente em todas as partes do Brasil através de seus projetos alternativos, com um teor de exemplaridade fartamente reconhecido pelo ministro Celso Furtado. Lembro, assim por alto, que no Verão Funarte já atuaram artistas representativos de todas as vertentes da música popular, de Cartola e Arrigo Barnabé, de Turibio Santos e Paulinho da Viola a Abel Silva e Copinha. Já trouxemos Dona Ivone Lara, Joyce, Clementina de Jesus, Exporta Samba, Ademilde Fonseca, Sidney Miller, Nana Caymmi, João Bosco, Carmem Costa, Almir Sater, entre muitos outros. A prática de colocar artistas atuantes em Brasília (em anos anteriores tivemos a participação de Clube do Choro, Carlos Elias, Coral Invoquei o Vocal, Banda Akneton, Clodô, Climério e Clésio. Fino do Samba, Pessoal do Beijo) continua agora com a participação de músicos que, inclusive, já atuaram nos projetos Pixinguinha e Pixingão, com o maior sucesso: o violão Roberto Correia, o Trio Artesanal e o excelente violonista Marco Pereira.

— Este ano quisemos iluminar Brasília, ora com artistas de São Paulo que trabalham numa linha experimentalista pós-Caetano, ora com compositores que fazem samba paulista de que é bom exemplo o "Operário Padrão" de Cesar Brunetti, que incluí no Lp comemorativo do cinquentenário artístico de Elizeth Cardoso. Já o Tancredo Jazz Band faz um tipo de música irreverente, cheia de humor — e é claro que esse componente não poderia se ausentar, na medida em que a Banda é formada por alguns dos melhores cartunistas do país. Se Eliete Negreiros e Vânia Bastos trabalham com o vanguardista Arrigo Barnabé, o Celso Viáfara, os irmãos Garfunkel e Cesar Brunetti desmentem aquilo que Vinícius um dia proclamou: a de que São Paulo é o túmulo do samba. Foi uma brincadeira do Poeta, contestada pelos grandes festivais

da Record, pela mágica presença de artistas do porte de Isaurinha Garcia e Adoniran Barbosa (Elis Regina me confessava sua paixão pelos dois), e pela colhida que a Paulicéia de Mário de Andrade deu ao movimento Tropicalista gerado por Caetano, Gil, Torquato e Capinam.

— Estamos, agora, em linha com os órgãos de cultura ligados ao GDF, trazendo em abril próximo o Projeto Pixinguinha de volta a Brasília, de onde esteve ausente o ano passado. São dez anos de ação consecutiva, em que o Projeto — através da Coordenadoria de Luís Sérgio Bilheri Nogueira — incorporou sugestões que vieram enriquecer a participação de artistas regionais em seus elencos, em igualdade de condições. O violão Roberto Correia atuou não só no Pixinguinha, ao lado de Elizeth e a Camerata Carioca, como também no Pixingão — que é um projeto que especificamente mostra essa produção rica que recolhemos na trajetória do Pixinguinha e que é apresentada no Rio de Janeiro como tentativa de alargamento do mercado de trabalho do artista do interior, que de outra forma não tem como expor aquilo que produz. Além de Roberto Correia, já se apresentaram no Pixinguinha ou no Pixingão o Trio Artesanal e o violonista Marco Pereira, além de Lula Mattos, Zélia Cristina, Dois de Ouro, entre outros.

— Quanto ao "Complexo Mário de Andrade", só tenho a declarar que desenvolvi o projeto com meu amigo Oscar Niemeyer, a pedido do governador José Aparecido, a quem estou ligado desde quanto foi nomeado ministro da Cultura pelo falecido Tancredo Neves. Do Projeto constam um teatro polivalente ligada a uma concha acústica, uma videofitoteca, uma biblioteca, um restaurante com dois ambientes que permitirá a existência de música ao vivo e uma quantidade de espaços livres para o exercício da criatividade, em todas as suas formas: musicais, pictóricas, teatrais, etc. É um espaço performático que poderá respirar não 24, mas 48 horas por dia.

— Quando abrimos o Edital para que a Sala Funarte desse continuidade à sua programação, foi mais uma vez para não fugir à responsabilidade que temos com uma clientela que a entidade apenas viu sugerida no início de sua atuação na Capital Federal, e que logo incorporou nas suas múltiplas atividades anuais. Este ano, por exemplo, estamos todos voltados para a elaboração de eventos comemorativos dos centenários de Villa-Lobos e João da Bahiana, os 80 anos de Braguinha, o sessentenário de Tom Jobim e também os 50 anos do desaparecimento de Noel Rosa. Queríamos trazer alguns desses eventos para Brasília, onde temos presença assegurada até junho de 1987, por força de um Termo de Comodato que ainda nos prende à Capital Federal.

— A idéia que tínhamos para o Complexo Mário de Andrade seria a de ser a Funarte uma das alimentadoras de sua programação, através dos 4 Institutos que possui: o de Música, o de Artes Plásticas o de Fotografia e o de Folclore. Isso além do



Herminio:
"É um compromisso que temos com os brasilienses, o de marcar a presença da Funarte como apoiadora de ações culturais"

Núcleo de pesquisas, que executou dois esplêndidos seminários em todo o Brasil, com um êxito surpreendente: "TRADIÇÃO/CONTRADIÇÃO" (85) e "O SENTIDO DA PAIXÃO" (86). Nossa idéia, ainda, era incorporar outras entidades, como a Funtevê — mas sobretudo ouvindo a comunidade artística, detectando suas carências. Não ouvi-la seria invadir inconseqüentemente um espaço já nosso conhecido por dez anos de constante atuação. Evidentemente teríamos que incorporar todas essas ansiedades que estão aí no ar, no rock que é uma vertente que não se pode ignorar dentro do processo cultural da cidade, e sobretudo a enorme curiosidade que tenho em relação às cidades-satélites, que precisam ser melhor assistidas através de uma ação mais sistemática. Quando fui à "Casa do Cantador", na companhia de Tom Jobim e Oscar Niemeyer, levado pelo José Aparecido, fiquei deslumbrado com a possibilidade de ver criado em outras cidades-satélites aquele modelo, cuja polivalência permite fazer-se todo tipo de atuação artística. Assim que expus à LBA a idéia do Complexo, o Marcos Vilaça imediatamente se dispôs a dele participar através de programas assistenciais de fundo cultural destinados não só aos idosos, mas sobretudo às crianças. Agora mesmo, celebrando com a Funarte seu primeiro convênio, a LBA voltou-se para essa figura matriz da cultura brasileira que é Clementina de Jesus, não só amparando-a assistencialmente, mas ampliando esse enfoque assistencial, promovendo a produção de uma pesquisa monográfica que visa, em suas interfaces, apoiar jovens pesquisadores que só encontram campo de trabalho em projetos como o Lúcio Rangel — desenvolvido pela Funarte. Disso tudo resultará um livro que recomporá a

trajetória artística e a biografia de Clementina, permitindo-nos recuperar um dos elos perdidos de nossa ancestralidade africana, das corimas, jongos, caxambus, batucadas e cantos de senzala que aprendeu com seus avós escravos. Clementina está para mim tal e qual Chico Antônio esteve para Mário de Andrade. — No meu entender, o Complexo Mário de Andrade não estava somente voltado para a comunidade residente em Brasília, mas poderia também atender às cidades-satélites através de uma ação comunitária dos sindicatos de classe, associações de moradores, entidades culturais que têm suas ações pulverizadas por falta de um apoio mais efetivo não só do governo como também das comunidades onde atuam. O projeto envolveria ainda a enorme gama de funcionários que, através de suas entidades, desenvolveriam programas junto com a Coordenadoria do Complexo, procurando estimular o lazer cultural conhecendo as ansiedades e as culturas dessa massa que apenas desova sua força braçal em Brasília, sem usufruir das atividades artísticas que ela proporciona. Aí, evidentemente, teria que ser acionada a rede de ônibus do Estado, que permitiria a locomoção dos funcionários residentes nas periferias, após os espetáculos realizados sempre no horário que Albino Pinheiro e eu inauguramos no Brasil, o seis e meia, estimulando a criação de um hábito cultural e subvencionando a formação de novas platéias. Os sábados e domingos teriam atividades permanentes, e o restaurante "Trezentos, 350" estaria em condições de acolher essa massa, que teria uma programação sistemática à sua disposição, sempre a preços acessíveis ou, na maioria dos casos, concertos de graça ao ar livre. Essa horizontalidade programada permitiria uma

multiplicidade de ações tal, que a criança poderia pintar, brincar, ter cursos, assistir a vídeos e depois regressar às suas cidades em ônibus que facilitariam esse traslado, sem ônus para o participante dos programas. Essa era a idéia básica do Complexo, que agora tenho a satisfação de saber que será tocado adiante por outras mãos e cabeças com maior disponibilidade de tempo. A Funarte poderá estar presente nesse Complexo, assim como esteve permanentemente até agora em Brasília, como no Verão Funarte e no Projeto Pixinguinha — e no caso estou falando especificamente da área em que atuo como Diretor da Divisão de Música Popular do INM.

— Estamos agora envolvidos com mais um projeto, sempre alternativo e sempre com teor de exemplaridade, que é o Projeto Radamés Gnattali, que visa estimular a prática de conjunto. A idéia não é nova, já foi desenvolvida nos Estados Unidos, e procuramos apenas adaptá-la à realidade brasileira. Já produzimos dois discos, e o resumo da idéia é a seguinte: gravamos as "bases" para que o músico, acompanhando uma minipartitura contendo a linha melódica acompanhada de cifra, possa tocar junto com os maiores instrumentistas do país: Rafael Rabello, João de Aquino, Maurício Carrilho (violões); Adriano Gifoni, Luiz Alves (contrabaixo); Fernando Pereira, Teo Lima (bateria); Altamiro Carrilho (flauta); Beto Cazes (percussão); Chiquinho do Acordeon; Helvius Vilela e Silvio Mehry (piano), dentre outros. O repertório é o mais diversificado possível, dando sempre ênfase à ritmática brasileira. Esse projeto está sendo coordenado pelo Paulo Cesar Soares, e nasceu de uma carência que pessoalmente detectei, junto a Toninho Horta e outros músicos, no 1º Seminário Brasileiro de Música Instrumental, realizado ano passado em Outro Preto.

— Paradoxalmente, a grande dificuldade que estamos enfrentando é a de editar não só esses discos, mas também outros seis, de altíssima qualidade, produzidos dentro do Projeto Almirante, e que enfocam a vida do Capitão Furtado (e dele participam Roberto Correia e Rolando Boldrin, entre outros), o de Ismael Silva (com Macalé e Dalva Torres, excelente cantora de Pernambuco), o de Custódio Mesquita (com Ney Matogrosso, Marlene e outros), o comemorativo do oitentenário de Braguinha (com o próprio, e mais o "Garganta Profunda" e Eduardo Dusek) e o Lp Assis Valente, com Paulo Moura, João Nogueira, Leci Brandão, Célia e outros.

Temos já a promessa do Manoel Vals Camero (Manolo, presidente da Associação Brasileira de Produtores de Discos e também presidente da RCA Victor) de viabilizar a prensagem desses títulos. Afinal, se "disco é cultura", não deveríamos encontrar dificuldades em editar produtos que são fundamentalmente culturais, e de caráter didático e que, pelo seu teor alternativo, têm uma clientela específica que consome outros títulos que enfocaram a vida e a obra de Capiba, João Pernambuco, Dorival Caymmi, Wilson Batista e outros.